

LIÇÃO 4 - A Prioridade Relativa da Atualidade e da Potência. A Redução das Potências Naturais à Atualidade

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 5: 1047b 31-1048a 24

“ 761. E, uma vez que entre todas as potências, algumas são inatas, como os sentidos, outras são adquiridas pela prática, como a capacidade de tocar flauta, e outras pelo aprendizado, como as capacidades artísticas, aquelas que são adquiridas pela prática e pelo uso da razão devem ser adquiridas pelo exercício prévio. Mas isso não é necessário no caso daquelas que não são tais e que envolvem passividade.

762. Ora, aquilo que é capaz é capaz de algo em algum tempo e de alguma maneira, e tem todas as outras qualificações que devem ser incluídas na definição; e algumas coisas podem causar movimento de acordo com um plano racional e suas potências são racionais, enquanto outras são desprovidas de qualquer plano racional e suas potências são irracionais. E as primeiras potências devem existir em seres vivos, enquanto as últimas existem em ambos os tipos de coisas.

763. E, sendo assim, no caso das últimas potências, quando a coisa que é capaz de agir e aquela que é capaz de ser agida se aproximam uma da outra, uma deve agir e a outra ser agida; mas no caso das primeiras potências, isso não é necessário.

764. Pois as últimas são todas produtoras de um efeito, enquanto as primeiras são produtoras de efeitos contrários. Portanto, elas produziram efeitos

contrários ao mesmo tempo, isto é, se agissem sobre um paciente próximo sem algo que as determinasse. Mas isso é impossível.

765. Portanto, deve haver alguma outra coisa que seja a causa própria disso, e por isso quero dizer apetite ou escolha. Pois, qualquer coisa que algo deseje principalmente, isso fará, quando, na medida em que é potencial, está presente e se aproxima da coisa que é capaz de ser agida. Portanto, toda potência dotada de razão, quando deseja algo do qual tem a potência e na medida em que a tem, deve fazer essa coisa. E ela tem essa potência quando a coisa capaz de ser agida está presente e está disposta de uma maneira definida; mas se não estiver, não será capaz de agir.

766. Pois é desnecessário acrescentar esta qualificação: quando nada externo a impede; pois o agente tem a potência na medida em que é uma potência para agir. Mas isso não é verdade para todas as coisas, mas apenas para aquelas que estão dispostas de uma maneira definida, no caso das quais os obstáculos externos serão excluídos; pois eles removem algumas das qualificações que são dadas na definição do capaz ou possível.

767. E por esta razão, se tais coisas desejam ou querem fazer duas coisas ou coisas contrárias ao mesmo tempo, não as farão; pois não têm a potência para fazer ambas ao mesmo tempo, nem é possível fazê-las ao mesmo tempo, uma vez que é aquilo que têm a capacidade de fazer que elas fazem.

COMENTÁRIO

Como a potência precede ou segue o ato

1815. Tendo rejeitado as opiniões falsas sobre potência e atualidade, o Filósofo agora estabelece a verdade sobre elas; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra como a atualidade é anterior à potência no mesmo sujeito; e segundo (1816), como a potência, quando é anterior à atualidade, é levada a um estado de atualidade.

Ele diz, portanto, primeiro, que, uma vez que (1) algumas potências são inatas nas coisas das quais são potências, como as potências sensitivas nos animais; e (2) algumas são adquiridas pela prática, como a arte de tocar flauta e outras artes operativas desse tipo; e algumas são adquiridas pelo ensino e aprendizado, como a medicina e outras artes semelhantes; todas as potências mencionadas acima que temos como resultado da prática e do uso da razão devem ser primeiro exercidas e seus atos repetidos antes de serem adquiridas. Por exemplo, alguém se torna harpista tocando harpa, e alguém se torna médico estudando assuntos médicos.

Mas (1) outras potências que não são adquiridas pela prática, mas que nos pertencem por natureza e são passivas, como é evidente no caso das potências sensitivas, não são resultado do exercício; pois ninguém adquire o sentido da visão vendo, mas na verdade vê porque tem a potência da visão.

1816. Agora, aquilo que (762).

Aqui ele mostra como aquelas potências que são anteriores à atualidade são levadas à atualidade; e quanto a isso, faz duas coisas. Primeiro, mostra como diferentes potências — potências racionais e irracionais — diferem entre si a esse respeito. Segundo (1820), mostra como as potências racionais são levadas a um estado de atualidade ("Portanto, deve haver").

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, estabelece certas condições necessárias para o estudo das diferenças mencionadas, e (1) uma delas é que é necessário considerar várias qualificações na definição do *capaz ou potencial*. Pois o capaz não se refere a qualquer coisa, mas a algo definido. Daí o capaz deve ser capaz de algo, como andar ou sentar. E, similarmente, o que pode agir ou ser afetado não pode agir ou ser afetado em qualquer tempo; por exemplo, uma árvore pode dar frutos apenas em algum tempo definido.

Portanto, quando se diz que algo é capaz, é necessário determinar quando é capaz. E também é necessário determinar de que modo é capaz, pois o que é capaz não pode agir nem ser afetado de qualquer maneira; por exemplo, alguém pode andar desta maneira, ou seja, lentamente, mas não rapidamente. E o mesmo vale para as outras qualificações que costumam dar nas definições das coisas, por exemplo, com qual instrumento, em qual lugar, e assim por diante.

1817. Outra qualificação que ele estabelece é que (a) algumas coisas são capazes de algo devido a um plano racional, e as potências para essas capacidades são racionais. (b) Mas algumas capacidades são irracionais, e as potências para estas são irracionais. Além disso, potências racionais podem existir apenas em seres vivos, enquanto potências irracionais podem existir em ambos, ou seja, tanto em seres vivos quanto em não vivos. E existem não apenas em plantas e em animais brutos, que carecem de razão, mas também nos próprios homens, nos quais se encontram certos princípios tanto de agir quanto de ser afetado que são irracionais; por exemplo, as potências de nutrição e crescimento, e o peso, e outros acidentes desse tipo.

1818. E uma vez que (763).

(2) Segundo, ele dá a diferença entre as potências em questão.

Ele diz que, no caso das potências irracionais, quando a coisa capaz de ser afetada se aproxima da coisa que é capaz de agir, então, de acordo com aquela disposição pela qual aquilo que pode ser afetado pode ser afetado e aquilo que pode agir pode agir, é (+) necessário que um seja afetado e o outro aja. Isso é claro, por exemplo, quando algo combustível entra em contato com o fogo.

Mas, no caso das potências racionais, isso não é necessário; pois não importa quão próximo algum material seja trazido a um construtor, não é (~) necessário que ele construa algo.

1819. Quanto a este último (764).

(3) Em terceiro lugar, ele apresenta a razão para a diferença apontada. (a) Ele diz que as potências irracionais são tais que cada uma produz apenas um efeito e, portanto, quando tal potência é aproximada de algo que pode ser afetado, ela deve produzir o único efeito que é capaz de produzir.

(b) Mas uma mesma potência racional é capaz de produzir efeitos contrários, como foi dito acima (1789-93). Portanto, se, quando aproximada de algo capaz de ser afetado, fosse necessário que ela produzisse o efeito que é capaz de produzir, seguir-se-ia que ela produziria efeitos contrários ao mesmo tempo; mas isso é impossível. Por exemplo, seguir-se-ia que um médico induziria tanto a saúde quanto a doença.

1820. **Portanto, é necessário** (765).

Ele então mostra o que é necessário para que as potências racionais comecem a agir, visto que a proximidade da coisa capaz de ser afetada não é suficiente. Quanto a isso, ele faz três coisas.

Primeiro, ele revela o princípio pelo qual uma potência racional é levada a agir. Ele conclui das discussões acima que, uma vez que uma potência racional tem uma relação comum com dois efeitos contrários, e uma vez que um efeito definido procede de uma causa comum apenas se houver algum princípio próprio que determine essa causa comum a produzir um efeito em vez do outro, segue-se que é necessário postular, além da potência racional que é comum a dois efeitos contrários, algo mais que a particularize para um deles, a fim de que ela proceda à ação. E isso "é o apetite ou a escolha", i.e., a escolha de um dos dois, ou a escolha que envolve a razão; pois é o que um homem intenciona que ele faz, embora isso ocorra apenas se ele estiver naquele estado em que é capaz de agir e o paciente estiver presente. Assim, assim como uma potência irracional que é capaz de agir deve agir quando seu objeto passivo se aproxima dela, de modo semelhante, toda potência racional deve agir (a) quando deseja o objeto do qual tem a potência, e (b) da maneira como o tem. E ela tem o poder de agir quando o paciente está presente e está disposto de tal modo que possa ser afetado; caso contrário, ela não poderia agir.

1821. **Pois é desnecessário** (766).

Em segundo lugar, ele responde a uma questão implícita. Pois, como ele havia dito que tudo que é capaz de agir como resultado de um plano racional, quando deseja algo do qual é a potência, age necessariamente sobre o paciente diante de si, alguém poderia perguntar por que ele não acrescentou essa qualificação, a saber, "quando nada externo o impede"; pois foi dito que deve agir se tiver poder suficiente para agir. Mas isso não ocorre de qualquer maneira, mas apenas quando a coisa que tem a potência está disposta de alguma forma particular; e nessa afirmação, os obstáculos externos são excluídos. Pois as coisas que o impedem externamente removem algo de seus desejos, e supondo que algumas das qualificações estabelecidas na definição comum do capaz ou possível estejam presentes, de modo que ele não seja capaz neste momento ou desta maneira ou algo semelhante.

1822. **E por isso** (767).

Em terceiro lugar, ele nos instrui a evitar as conclusões absurdas que ele disse primeiro que se seguiriam, a saber, que uma potência racional produziria efeitos contrários ao mesmo tempo. Pois, se é necessário que uma potência racional faça o que deseja, seja pela razão ou pelo apetite sensível, e supondo que ela deseje fazer duas coisas diferentes ou contrárias ao mesmo tempo, não se segue por essa razão que ela as fará. Pois elas não têm poder sobre efeitos contrários de tal maneira que possam fazer coisas contrárias ao mesmo tempo; mas elas agem de acordo com a maneira como têm uma potência, como foi explicado (1816-20).

Revision #2

Created 17 September 2026 23:05:48 by Admin

Updated 17 September 2026 23:12:47 by Admin